

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

## SCENAS ALEMTEJANAS

### A MATANÇA DOS PORCOS

O papá, muito condescendente, concedera, sorrindo, que os pequenos não fossem á escola na segunda feira, dia de *matança*.

Em casa tinha-se almoçado muito cedo migas com toucinho frito, que estivera a tomar gosto seis dias na calda de pimentão.

A dona da casa, oriunda do Alemtejo, dava ordens e fazia recommendações, como general no campo da batalha, para que tudo estivesse prompto á primeira voz.

— Vamos, Maria, ordenava ella á creada, vamos, não se descuide, vá buscar o alguidar que serviu o anno passado para aparar o sangue, veja se está bem limpo, deite-lhe sempre uma pinga d'agua quente, á cautela. Não se esqueça dos alhos, pelo menos quatro cabeças, que fiquem bem pisadas no gral; olhe que são quatro porcos, é muito sangue; tome sentido com o sal, antes de mais do que de menos; e quando tiver tudo prompto, deite no alguidar com duas garrafas de vinho tinto e mexa muito bem.

Em seguida recommendava ao marido que visse bem o gado em que pegava, que não se deixasse enganar, que comprasse de preferencia porcos; nada de porcas, que tinham a carne muito dura e encolhia muito depois de cosida, muito má de regrar. Lembrava que não trouxesse porcos *calçados*, nem barbaços, e que, sendo possível era melhor compral-os para serem pesados depois de mortos, em casa, com socego, livre de barafundas quando a carne já tem

enxugado; pesados vivos em geral davam quebras, por causa das enormes buchadas que traziam, arranjadas de proposito para acudirem ao peso. O que mais convinha para o bom governo da casa eram porcos de 7 *pesos*, até 7 e meio; mais pequenos não tinham banhas nem toucinhos capazes, umas sardinhas magras, e maiores tinham muitas gorduras, um desarranjo por causa dos chouriços, que em não sendo magros não prestam.

Na *esquina* havia gado magnifico de 8 arrobas, bem feito e com a engorda em montado. Os gaiatos, munidos da competente corda, depois da escolha feita, deligenciavam agarrar o pé de cada animal, que se defendia mostrando a branca e anavahada dentadura n'uns grunhidos ameaçadores estabelecendo a desordem no meio da *vara*, que rosnavia surdamente, em quanto os garotos, sacudidos violentamente, rebotavam no chão, provocando as gargalhadas dos circunstantes.

Quando os porcos chegaram a casa, vinham offegantes, com vergões vermelhos no coiro em varios sentidos, resultantes das varadas com que os conductores lhes tinham estimulado a sua andadura pachorrenta.

Na rua, a visinhança, ás portas das casas, questionava sobre o peso dos *bichos*; quatro caheças magnificas para mais de 8 pesos cada uma, umas *sardinhas* appetosas; que Deus Nosso Senhor desse saude ao dono para os comer, e lhe acrescentasse em casa o que desse aos pobres.

Entretanto chegava o matador de porcos e o seu ajudante, muito sujos, com o fato esfrangalhado e os *ceifões*

velhos, muito lustrosos das repetidas unturas.

N'uma alfofa traziam as facas do officio, uma, muito comprida e afiada em fôrma de punhal, feita da folha da espada d'um bravo do *outro partido*, morto no cerco do Porto; aquillo em dando uma *picada* era estender o pernil e marchar sem testamento.

A dona da casa, senhora muito bondosa, pedia que tivessem cuidado com a sangria, que a faca entrasse só uma vez; achava uma crueldade de cafre o alargar a ferida com successivas facadas, nem o sangue corria bem e a carne ficava negra.

O matador, acostumado àquella faina, lançou-se sobre um dos porcos, que, presentindo o perigo, arremetia com fúria, diligenciando morder, cahindo finalmente de barriga para o ar, a dar com as pernas; grunhindo desmedidamente. Transportado para uma banca, propria para aquelle serviço, deitaram-no sobre o lado direito; então o matador, apertando fortemente o focihu do animal com a mão esquerda, tacteou com a direita, depois de se ter benzido, o sitio proprio para fazer boa sangria.

De repente a faca desapareceu na garganta da victima, que soltou um grunhido afflicto, estrangulado, respirando com força para suster o sangue, que sahia a jorros pela larga ferida. A criada, de côcoras, com as mangas arregaçadas, mechia com uma colher de páu, o sangue que cahia no alguidar, misturando-se com os alhos, o sal e o vinho.

A senhora, sempre vigilante, recomendava á creada que mexesse sempre para o mesmo lado, para não coalhar; e ao magarefe que tivesse muito cuidado com o lume quando *musgasse* a barriga do porco, que não queimasse as tripas, pois estourariam ao encher dos chousiços.

Depois dos porcos *musgados* procedeu-se à lavagem do coiro, para dessecascar, com agua fria; a quente não serve, faz rançar o lóquenho no meio do

anno. Em seguida foram os ammaes estendidos, um de cada vez, sobre uma banca para serem abertos.

Os pequenos da casa, que anciavam por este momento, treparam em cadeiras, muito curiosos, para verem como era aquillo lá por dentro. Tendo ouvido em casa muitas vezes o conhecido dictado do Alentejo: —Se queres ver ó teu corpo mata um porco,—queriam observar minuciosamente o que havia no interior do *bicho*, julgando fazerem assim o estudo anatomico de si proprios.

No entanto o matador, dividindo a barbella, deixava o queixo do porco a descoberto, onde se via uns dentes muito brancos e aguçados. Fingindo que fazia um grande esforço para o arrancar com ambas as mãos, e não o conseguindo, pedia á criada, com a maior seriedade, que lhe fosse buscar um pau para fazer um arrocho, que d'outra forma o diacho do queixo não sahia, estava ali pregado com brochas de seta pancadas, que tivesse paciencia, que o ajudasse, e, atrahindo-a, arrancara rapidamente a queixada besuntando com as mãos a cara da rapariga, que entre risonha e zangada se limpava ao avental.

As tripas foram lançadas n'um taboleiro, e logo desmanchadas pela creada, separando-as do redenho com uma tesoura, e as banhas estendidas n'um pau para coalharem.

—Prompto, meu amo, gritou o magarefe, lavando as mãos n'um alguidar d'agua a ferver, isto está acabado.

Então o dono da casa, com a indifference de quem está acostumado àquella faina todos os annos, dizia para a mulher:

—O' menina, manda vir vinho e azeitonas para estes homens, e dá ordem à criada que frite uns rins e algumas *molejas* para a ceia; amanhã se fará o resto.

Gil Berto.



## A CARIDADE

No tempo de Moisés, o grande profeta e legislador do povo hebreu, vivia um pobre homem que ganhava a vida cortando lenha nos bosques e levando-a em molhos ás casas ricas; e ainda que trabalhava todo o dia, apenas contava com o sufficiente para a sua manutenção e a de sua mulher.

Uma manhã dirigiu-se ao bosque ao primeiro clarão d'alva, encontrou Moisés, e disse-lhe:

—Oh profeta! Desde que me conheço no mundo hei vivido miseravelmente, e talvez tenha que viver muitos annos em egual miseria: eu desejo que o Senhor se digne outorgar-me a graça de reunir de uma só vez e n'um momento o dinheiro que eu poderia ganhar com o meu penoso trabalho até ao fim da minha existencia, e offerecer-m'o para com elle poder assim gosar um dia de opulencia e fortuna: morreria satisfeito no dia seguinte. Oh profeta! queres impetrar-me essa graça do Senhor? Espera! respondeu-lhe Moisés. Quando o profeta apresentou ao Senhor a supplica do trabalhador, Deus disse-lhe:

—Esse homem terá todavia muitos annos de vida: porém se quer renunciar tão larga existencia por um dia de riqueza, diz-lhe que o seu pedido foi attendido: amanhã encontrará sobre a sua mesa o dinheiro que devia ganhar com as suas fadigas em largos annos. . .

No dia seguinte, com effeito, o pobre trabalhador contemplava maravilhado a somma de dinheiro que havia collocado sobre a mesa da sua modesta morada, uma mão invisivel.

O trabalhador contou a sua mulher o que havia resolvido e ella approvou tão estranha resolução, porque depois de tantos annos de soffrimentos, abandonaria satisfeita o resto da vida em troco de um só dia de opulencia e fartura. Mas os dois quizeram com a sua improvisada riqueza cumprir um dever piedoso, isto é, empregar a maior parte do thesouro em soccorrer os pobres.

Compraram abundantes provisões e modestas vestimentas e distribuíram entre muitos indigentes, a quem dirigiam, ao dar-lh'as um olhar de sympathia e uma phrase de esperanza dizendo-lhes.

—Amae a Deus, e sede honrados.

E depois d'este acto de beneficencia, o trabalhador e sua mulher dispuseram-se a celebrar um opiparo banquete, para saborearem a fartura unica dos prazeres do momento.

Mas, é que no momento de sentar-se á mesa chegou uma antiga enferma, rodeada de quatro creanças, seus netinhos, e exclamou com voz doente:

Teuho ouvido annunciar o vosso opiparo banquete, e tenho fome, e tambem teem fome os meus netos, orphãos de pae e mãe. Quereis socorrer-me?

Deus protege as almas caridosas!

O trabalhador fitou sua mulher e perguntou-lhe:

Quantos manjares dispuzestes para a nossa ultima comida?

—Quatro.

Pois bem: daremos dois a esta velhinha e seus netos, que teem fome.

E deram a metade da sua propria comida à desgraçada velha, que

sahiu em seguida com os seus netinhos bem dizendo o trabalhador e sua mulher.

Então sentaram-se á mesa muito satisfeitos de haver praticado uma boa acção. No fim viram que se acercava d'elles outro necessitado, dizendo-lhes que não tinha comido nada havia dias, implorando a sua piedade.

O trabalhador, commovido e com os olhos arrasados de lagrimas olhou para a sua mulher e disse-lhe:

—Ficam dois pratos para ti e outro para mim, não é verdade?

—Verdade.

—Pois bem: demos um a este desgraçado e contentaremos-nos com outro.

E assim o fizeram, pensando o trabalhador e sua mulher que nas ultimas horas de sua vida não teriam a consciencia tranquilla se preferissem a satisfação de remediar uma necessidade tão extrema como a d'aquelle desventurado.

Serviram-se então do ultimo manjar que havia na meza e começaram a comer.

Por acaso... em seguida chegou um ferido da guerra contra os egipcios, e perguntou ao trabalhador:

Dizei-me bom homem, se sabeis onde habita o bom propheta Moysés, porque elle me dará saude, por graça de Deus.

—Muito longe d'aqui—contestou o trabalhador—na falda do Sinai.

—Oh, meu Deus!— exclamou o ferido.

—Não tenho forças para fazer tão larga jornada e desfaleço.

—Sente-se á nossa meza, coma do que temos, logo descança n'esta humilde casa, e recobrareis forças

para fazer amanhã essa jornada.

Disse isto o trabalhador, olhando para sua mulher, que approvou com uma inclinação de cabeça

Ambos deram ao ferido as escudellas em que se haviam servido e o ultimo dos manjares do seu frustado banquete.

—Jejuaremos—disse o trabalhador a sua mulher—porque o nosso jejum será curto e amanhã estaremos na presença de Deus.

\*

\* \*

Na manhã seguinte, ao despon-tar do dia os dous fizeram a sua supplica matutina, invocando fervorosos a misericordia de Deus.

Foi n'este momento que se deu um successo maravilhoso: o trabalhador e sua mulher viram na meza da sua miseravel morada uma somma de oiro equal á que haviam encontrado alli mesmo no dia anterior.

Os dous, longe de sentir na sua frente o sopro gelado da morte, sentiram-se de prompto rejuvenescidos, vigorosos, cheios de vida.

Quando foram procurar Moysés para referir-lhe aquelle caso extraordinario, o propheta subiu ao monte Sinai para escutar a palavra de Deus e ouviu:

«Na verdade te digo que a caridade é grata aos olhos do Senhor, e aquelles que a praticam serão abençoados por Deus.»

O trabalhador e sua mulher, que não esqueceram satisfazer os seus proprios desejos para soccorrer os desgraçados, viveram largos annos e não volveram mais a conhecer as angustias da miseria.

